

Os primeiros cristãos em Flávio Josefo:

João Baptista, Jesus Cristo e Tiago, irmão de Jesus

*A referência de Josefo
a Jesus, apesar de ser
a mais analisada
e debatida
é aquela que
menos dados transmite
ao investigador,
uma vez que
a autenticidade
é duvidosa.*

*Para além da comprovação
histórica da sua existência
- dúvida que hoje em dia
já não se coloca -
pouco mais
informação dá.*

**Maria Antónia
Costa Pereira**

*Mestre em História
e Cultura Pré-Clássica*

FLÁVIO JOSEFO, escritor e historiador judeu do século I d.C., redigiu quatro obras: *Guerra Judaica (G)*, *Antiguidades Judaicas (A)*, *Contra Ápio e Vida*, a sua autobiografia.¹ Ao contrário de muitos autores da Antiguidade, contemporâneos ou mesmo posteriores, todas as obras sobreviveram. Esta longevidade deveu-se sobretudo à sua popularidade no meio cristão. E esta justifica-se pelo facto de o autor mencionar três das mais importantes figuras do Cristianismo e do NT:

- João Baptista (*AJ XVIII*, 116-119);
- Jesus Cristo (*AJ XVIII*, 63-64);
- Tiago, irmão de Jesus (*AJ XX*, 200).

Os passos em que estas nomeações ocorrem passam quase despercebidos a um leitor menos atento, inseridos como estão entre os livros XVIII e XX das *AJ*: breves referências que fazem parte de uma vasta listagem de acontecimentos que pretendem caracterizar o conturbado ambiente na Palestina antes e durante a revolta judaica. E, surpreendendo o leitor comum do NT, habituado como está a encontrar Tiago e João em relação directa com Jesus, Josefo apresenta essas personagens sem estabelecer qualquer ligação entre elas (à excepção de Tiago, que tem uma ligação familiar). Ao contrário dos evangelhos, Jesus é referido em primeiro lugar, e só uns

¹Nas obras de Josefo, para redacção e citação neste artigo foram utilizadas as edições da Loeb Classical Library (LCL).

parágrafos depois surge a figura de João Baptista, ignorando a tese cristã de que este é o precursor do Messias. Aliás, o facto de Josefo dedicar muito mais espaço a João Baptista do que a Jesus tem sido apontado como prova da sua independência em relação às influências do mundo cristão.² Das passagens referidas, aquela que provoca mais polémica é, necessariamente, a que se refere a Jesus – o chamado *testimonium flavianum*. Tem sido eterna a discussão na comunidade científica sobre a sua autenticidade, seja ela total ou parcial. Após décadas em que as posições se extremaram, em acesos debates, hoje em dia tende-se para uma postura mais sensata: a de aceitar o *testimonium* como uma edição cristã de um parágrafo original de Josefo.³

Vejamos então caso a caso.

João Baptista

João Baptista é introduzido na narrativa durante a descrição do reinado de Herodes Antipas, nomeadamente aquando do comentário às suas indiscrições amorosas e matrimoniais: casado com a filha de um rei árabe vizinho (Aretas), com quem tinha há já algum tempo disputas fronteiriças, Antipas repudia esta sua primeira mulher para se casar com Herodias, que já era casada com um seu meio-irmão. Aproveitando a ofensa feita à filha, Aretas enceta uma campanha militar contra Antipas, cujo exército foi desbaratado e a derrota teria sido certa não fosse a intervenção romana (AJ XVIII, 109-124).

*But to some of the Jews the destruction of Herod's army seemed to be divine vengeance, and certainly a just vengeance, for his treatment of John, surnamed the Baptist. For Herod had put him to death, though he was a good man and had exhorted the Jews to lead righteous lives, to practise justice towards their fellows and piety towards God, and so doing to join in baptism. [...] When others too joined the crowds about him, because they were aroused to the highest degree by his sermons, Herod became alarmed. Eloquence that had so great an effect on mankind might lead to some form of sedition, for it looked as if they would be guided by John in everything that they did. Herod decided therefore that it would be much better to strike first [...]. Though John, because of Herod's suspicions, was brought in chains to Machaerus, the stronghold that we have previously mentioned, and there put to death, yet the verdict of the Jews was that the destruction visited upon Herod's army was vindication of John, since God saw fit to inflict such a blow on Herod.*⁴

Esta ligação entre Herodes Antipas e Herodias constituía uma violação da lei judaica, que proíbe um homem de casar com a mulher de seu irmão se este ainda for vivo – os evangelhos vão pegar neste facto para justificarem a prisão e execução de João. Mas Josefo passa por cima dessa consideração – não é propriamente a morte de Bap-

²S. MASON, *Josephus and the New Testament*, p. 148.

³Para um ponto da situação veja-se A. WHEALEY. "The Testimonium Flavianum Controversy From Antiquity to the Present", comunicação apresentada em 2000 na , retirada de .yorku.ca consultado em 25 de Março de 2004.

⁴AJ XVIII, 116-119.

tista que é o tema deste parágrafo, mas a derrota de Herodes e a sua explicação. Uma das teses que serve de base à redacção das *AJ*, e nomeadamente ao retrato da família herodiana, é a *tese da retribuição divina*. Assim, no caso deste episódio, a morte injusta de alguém que era tido como um homem virtuoso foi, de pronto, castigada com uma derrota militar.

A partir da versão que as *AJ* nos deixaram, podemos tirar algumas conclusões quanto à figura de João Baptista:

- tendo morrido antes do nascimento de Josefo, João deve ter atingido uma notoriedade suficiente para que o autor achasse necessário incluí-lo nos seus relatos;
- Josefo parecia conhecer bastante bem a sua prédica: o baptismo era um primeiro passo para o perdão divino, mas que tinha que ser complementado com um comportamento justo e piedoso;
- a popularidade e tamanho do grupo de seguidores de João era suficientemente grande para que Herodes Antipas se sentisse ameaçado ou, pelo menos, assustado;
- atingiu suficiente notoriedade em vida para que após a sua morte a derrota do tetrarca por Aretas seja encarada como vingança divina.

Josefo parece ter helenizado a mensagem deixada por João às populações – piedade perante Deus e justiça para com os homens (em sentido lato, não apenas povo judaico). Com efeito, este é um ponto recorrente ao longo das *AJ*; contra as acusações de que os judeus odiavam a Humanidade e eram anti-sociais, Josefo pretende apresentar o Judaísmo como uma “escola filosófica” que partilha dos valores éticos e morais do povo romano. João Baptista aparece assim como mais um filósofo judeu, na senda de Moisés e Salomão. Os evangelhos (Mt 3,7-10 e Lc 3,7-9) apresentam um outro tipo de linguagem, com uma abordagem mais social. Em comum com Josefo, os textos relatam que João exigia o arrependimento antes da imersão (baptismo).

Evangelhos e Josefo discordam, contudo, quanto à causa da sua prisão/execução:

1) Josefo atribui-a à popularidade de que João gozava entre as multidões, numa época em que estes movimentos eram comuns e provocavam bastante apreensão entre as autoridades romanas.⁵

2) Os evangelhos atribuem-na à denúncia da ilegalidade da união entre Antipas e Herodias (Mc 6,18; Mt 14,4; Lc 3,19). Marcos afirma mesmo que Antipas foi obrigado pelo seu juramento à execução de João Baptista (a famosa história de Salomé⁶), embora na realidade o admirasse e o ouvisse com agrado (Mc 6,20).

No entanto, estes motivos não se excluem necessariamente.

Existe, porém, uma grande diferença no modo como Josefo e evangelhos retratam a figura de João Baptista: Josefo não reconhece nele uma figura cristã, não o associa de forma alguma com o Cristianismo ou com Jesus. É apresentado como um pregador judeu, com uma mensagem e um grupo de seguidores próprio. Os evangelhos, por seu lado, apresentam-no como o precursor de Jesus, nas palavras do próprio: “Depois de

⁵*AJ* XVIII, 118-119.

⁶Mc 6,21-29

mim virá alguém com mais autoridade do que eu, e nem sequer mereço a honra de me curvar diante dele para lhe desatar as correias das sandálias. Eu baptizo-vos com água, mas ele há-de baptizar-vos com o Espírito Santo." (Mc 1,6-8). Marcos é tido como o evangelho mais antigo, e os restantes parecem ter desenvolvido a relação entre João e Jesus a partir daqui, até esta se tornar familiar (Lc1,5-80). Significativamente, é o baptismo de Jesus por João Baptista que marca o início da sua missão. Esta justaposição parece apontar para o facto de que numa primeira fase as figuras de João Baptista e de Jesus seriam independentes; não podendo deixar de o referir, a tradição cristã articulou-o com os acontecimentos que envolveram a acção de Jesus, colocando-o numa posição secundária de subordinação. Assim, João aparece como a reencarnação de Elias, entendido pela tradição judaica como o antecessor do Messias, aquele cujo regresso indicaria a vinda do esperado Salvador.⁷ Parte deste revestimento pode ser a maneira como o vestuário de João é descrito (peles de animais), bem como o seu aparecimento vindo do deserto – ambas características da imagem tradicional de Elias. Do que nos diz Marcos podemos tirar alguns dados com relativa segurança: João era considerado um profeta (Mc 11,32), que levou uma vida ascética (Mc 1,6) no deserto (Mc 1,4); pregava o arrependimento e o baptismo fazia parte desse processo; reuniu em torno de si um grupo de discípulos, que faziam jejum como os fariseus (Mc 2,18) e que após a sua morte o sepultaram (Mc 6,29). O movimento de João teve uma amplitude semelhante à de Jesus, as autoridades de Jerusalém conheciam bem quem ele era e a sua reputação enquanto profeta (Mc 11,30-33).

Com efeito, movimentos proféticos ou messiânicos como o de João Baptista ocorreram na Palestina do século I com bastante frequência – Josefo dá-nos disso abundante testemunho.⁸ Estes movimentos podem ser explicados como reacção às circunstâncias socio-económicas particularmente difíceis que antecederam a grande revolta contra Roma em 66-70 d.C. O reinado de Herodes, o Grande, fora sentido pela maioria da população judaica como particularmente opressivo, tanto política como economicamente. A forte ligação com Roma, uma potência invasora e pagã, e as circunstâncias que rodearam os primeiros anos da sua ascensão ao poder tornavam Herodes um rei pouco amado entre os seus súbditos. Também o plano de obras públicas de grande dimensão levado a cabo na Palestina e nas principais cidades da Diáspora judaica significava uma enorme despesa pública, que era em grande parte suportada pelos impostos cobrados à população. O pulso firme com que governou e reprimiu as muitas manifestações de desagrado fez com que após a sua morte esta revolta se expressasse de forma explosiva. Depois de restabelecida a ordem pelas tropas romanas, a presença de um novo membro da dinastia herodiana no trono não trouxe alterações de maior⁹ – pelo menos no que diz respeito à população comum. Durante a década de 40 a situação agravou-se com uma prolongada seca e um surto de fome que atiraram os camponeses para uma situação desesperada. A aparente indiferença dos dirigentes romanos e da elite judaica levou ao aparecimento endémico de manifestações de protesto e re-

⁷ Ver Mt 17,9-13, contraste com Jo 1,21.

⁸ *AJ* XVIII, 85-86; XX, 97-99 e 169-172; *GJ* VI 300-309.

⁹ Na realidade, por morte de Herodes, o Grande, o território que este rei reunira sob a sua autoridade foi dividido por três dos seus filhos: Arquelaus é nomeado etnarca da Judeia, Samariais e Idumeia, bem como de algumas cidades importantes; o seu governo conturbado acaba com a sua deposição em 6 d. C. Antipas tornou-se tetrarca da Galileia e Pereia bem como de duas cidades de Decápoleis; é deposto em 39 d.C. Filipe recebeu a área nordeste do reino e algumas regiões da Idumeia; esteve no governo até à sua morte em 34 d.C.

volta que culminarão com o levantamento do ano 66. Assim, os movimentos proféticos e messiânicos são, no verdadeiro sentido da palavra, movimentos revivalistas que tinham como objectivo fazer ressurgir, de uma perspectiva escatológica, os antigos ideais religiosos e políticos nacionalistas de Israel. Os profetas que apareceram nesta época têm consciência de que havia modelos clássicos a seguir, mas a sua acção extravasava em muito o modelo. Em comum, estes movimentos tiveram líderes carismáticos, que eram considerados (ou consideravam-se) profetas, em que existia uma relação simbólica com o deserto. Josefo descreve-os invariavelmente como *falsos profetas*, encarando com cepticismo os milagres que se propunham realizar e especifica que os seus seguidores pertenciam ao povo comum.

Parece ter sido também esta a origem dos seguidores de João, a quem a mensagem de integridade e caridade para com quem os rodeia terá atraído. Josefo não acrescenta informações sobre o que lhes aconteceu, tendo cumprido já o seu objectivo de demonstrar que a iniquidade da família herodiana havia sido prontamente castigada por Deus naquela ocasião. Mas o NT, apesar da construção que faz da imagem de João Baptista, de modo a adaptá-la o mais possível ao percurso de vida e à missão de Jesus parece dar-nos algumas pistas: em Act 19,1-5, ao visitar Éfeso, Paulo encontra um grupo de cristãos que recebera o baptismo de João, mas que nunca ouvira falar de Jesus ou do baptismo pelo Espírito Santo. Alguns autores defendem mesmo que os discípulos de João terão formado uma comunidade baptista¹⁰, que continuou a existir muito depois da sua morte. Aparentemente, a comunidade produziu literatura própria cujos fragmentos estão preservados nas tradições dos evangelhos sinópticos.¹¹

Outro indício que aponta para o facto de que João e Jesus seriam originalmente figuras separadas surge em Mt 11,3 e Lc 7,19: João envia os seus discípulos perante Jesus com a questão “*És tu aquele que há-de vir, ou devemos esperar outro?*”, o que não deixa de causar estranheza se tivermos em conta que o mesmo Lucas nos diz que João reconheceu Jesus ainda dentro do útero da mãe (Lc 1,41).

Josefo e os evangelistas recorreram pois à figura de João Baptista para fazerem passar mensagens diferentes: o primeiro para justificar uma derrota militar de Herodes Antipas, fazendo cumprir o seu objectivo de descrever a família herodiana à luz da tese da retribuição divina. Para isso, terá helenizado a mensagem de João, tornando-a menos revolucionária aos ouvidos de um público grego-romano que recordava ainda a falhada revolta judaica contra Roma. Os evangelhos adaptaram os ensinamentos de João Baptista à figura e à missão que pretendiam transmitir de Jesus Cristo, acabando por ligar familiarmente os dois líderes.

Jesus Cristo

AJ XVIII, 63-64 é, possivelmente, o mais citado, analisado e discutido trecho das obras de Josefo desde sempre. Assunto polémico e do qual não parece haver qualquer hipótese de resolução à vista é o da sua autenticidade. Inicialmente considerado como

¹⁰ W.R.FARMER. *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, p. 955 e ss.

¹¹ Winter considera que Lc1, 5-80 era originalmente um texto baptista, posteriormente adaptado e interpolado por seguidores de Jesus; apresenta como proposta de reconstrução do documento original Lc 1, 5-24 ou 25; 46b-55 e 57-80. *Vide* P. WINTER. “The Proto-source of Luke I”. *NT*, vol.1, 3 (1956).

prova da existência de Jesus e da sua condição de Messias por parte dos primeiros autores cristãos (e mais precioso porque vindo de um judeu), é hoje em dia aceite pela maioria dos autores que, na forma em que se encontra actualmente, se trata de uma rescrita cristã (finais do século III¹²) de um parágrafo original de Josefo. Esta teoria ganhou mais substância com a comparação de uma versão árabe¹³ deste parágrafo, cujo conteúdo é significativamente diferente, ou mesmo com a análise de uma tradução literal siríaca¹⁴ que aparece citada numa crónica de século XII pelo patriarca de Antioquia, Miguel o Sírio. A principal diferença que se encontra nesses textos é a falta de afirmação do messianismo de Jesus e das suas qualidades sobre-humanas que encontramos na versão actual e que causa alguma estranheza pela mão de um autor judeu do século I. Sobretudo se tivermos em conta que para a plateia romana da época *Messias* era sinónimo de levantamento político, e Josefo evita sempre qualquer aspecto que possa levantar o espectro da revolta judaica.¹⁵

Não se pretende contudo neste trabalho analisar a veracidade do *testimonium flavianum*, pelo que se vai aceitar a versão com que se apresenta actualmente.

*About this time comes Jesus, a wise man, if indeed it is proper to call him a man. For he was a worker of incredible deeds, a teacher of those who accept the truth with pleasure, and he attracted many Jews as well as many of the Greek. This man was Christ. And when, in view of [his] denunciation by the leading men among us, Pilate had sentenced him to a cross, those who had loved him at the beginning did not cease [to do so]. He appeared to them on the third day alive again, for the divine prophets had announced these and countless other marvels concerning him. And even now the tribe of the "Christians" – named after him – has not yet disappeared.*¹⁶

Na sua forma actual, a referência a Jesus surge na sequência de incidentes que marcaram o governo de Pôncio Pilatos (AJ XVIII 35-89) e que irão culminar com a sua remoção do cargo. Esses incidentes incluem o transporte para Jerusalém de estátuas do imperador, a perseguição dos sacerdotes do templo de Ísis (que ocorre em Roma e que não tem directamente a ver com Pilatos), o desvio de fundos do Templo para a construção de um aqueduto, o esmagamento de um movimento popular liderado pelo Samaritano que se dizia intérprete da verdadeira lei mosaica, entre outros. Estas in-

¹² De facto, Orígenes não o cita e Eusébio apresenta três versões com pequenas variantes na linguagem. Vide H. SCHRECKENBERG, "The Works of Josephus and the Early Christian Church". *Josephus, Judaism and Christianity*, p. 316 e ss.

¹³ De Agapius, século X, que redigiu uma história mundial: "At this time there was a wise man who was called Jesus. His conduct was good, and [he] was known to be virtuous. And many people from among the Jews and the other nations became his disciples. Pilate condemned him to be crucified and to die. But those who had become his disciples did not abandon his discipleship. They reported that he appeared to them three days after his crucifixion, and that he was alive; accordingly he was perhaps the Messiah, concerning whom the prophets have recounted wonders." In S. PINES, *An Arabic Version of the Testimonium Flavianum and its Implications*, pp. 9-10.

¹⁴ Na sua citação, Josefo diz que Jesus "was thought to be the Messiah. But not according to the principal [men] of [our] nation...". In S. MASON, *Josephus and the New Testament*, p. 169.

¹⁵ São vários os aspectos que impedem os estudiosos de rejeitar o *testimonium* como total fabrico cristão: questões linguísticas (embora se encontrem algumas singularidades que apontam para interpolações tardias, não são suficientes para se recusar todo o texto); a forma como está redigida a referência a Tiago, irmão de Jesus (AJ XX, 200), que implica que este já tenha sido apresentado; finalmente, os aspectos comuns às várias versões que se podem encontrar do *testimonium flavianum* levam muitos autores a considerar que *alguma coisa* Josefo deve ter escrito sobre Jesus.

¹⁶ AJ XVIII, 63-64.

formações parecem ter origem em fontes diferentes e não seguem uma ordem cronológica, mas aos olhos de Josefo cumprem a sua função: ilustram o ambiente de tensão que se vivia no território judaico, os erros de muitos dos governadores romanos que não compreendiam as especificidades da religião judaica e que serviram para alimentar o descontentamento popular até ao rebentar da revolta. Demonstra que os romanos não tinham apenas problemas religiosos com os judeus (sacerdotes egípcios de Ísis) e que eram os falsos líderes que incitavam o povo (normalmente amigo da paz) à revolta. A maioria desses movimentos (com a exceção de Jesus e dos seus seguidores) são caracterizados como levantamentos populares e tumultos. O que mais uma vez lembra ao leitor a controvérsia que este passo levanta...

De Jesus, Josefo nada mais acrescenta, mas volta a mencionar este nome no livro XX, quando se refere a Tiago.

Tiago, irmão de Jesus

Ao contrário do *testimonium*, este trecho não tem merecido desconstruções por parte dos estudiosos e é aceite como original. A referência a Tiago aparece já no final das AJ, quando Josefo se refere à situação política da Judeia na década de 60. Estamos na passagem de testemunho entre os governadores Pórcio Festo (que morreu em exercício) e Albino (enviado por Nero mas que ainda não se encontra no território). Agripa II entrega o sumo-sacerdócio a Ananus II, que merecera elogios por parte de Josefo na GJ, mas que nesta é retratado como um homem de conduta arrogante e precipitada – e que serve o seu propósito de demonstrar como a queda de Jerusalém e a derrota dos judeus se deveu à má conduta de alguns dos seus líderes, que se haviam afastado do caminho de laveh. Como exemplo da má conduta de Ananus, Josefo conta:

*Ananus, supposing that he had an opportune moment with Festus having died and Albinus still on the way, convened the judges of the council and arraigned before them the brother of Jesus who was called Christ, James by name, and some others. Having brought the charge that they had violated the law, he handed them over to be stoned. Now those in the city who were regarded as the most reasonable and as precise with respect to the laws were burdened with grief over this. So they secretly send [messengers] to the king [Agrippa II], pleading with him to order Ananus to stop doing such things. For he had not acted properly from the outset. Some of them also go to meet Albinus as he makes his way from Alexandria, and inform him that it was not up to Ananus to convene the council without his consent.*¹⁷

Albino e o rei Agripa II acabam por intervir e Ananus é afastado do sumo sacerdotado ao fim de apenas três meses. Josefo não especifica quais as leis que haviam sido quebradas por Tiago, ou se as outras pessoas condenadas na mesma ocasião eram cristãos. Tiago também não surge aqui por ser irmão de Jesus, mas enquanto um caso que permite ao escritor ilustrar a sua tese – a iniquidade dos seus líderes religiosos trouxe a ira de Deus e a destruição de Jerusalém.

¹⁷ AJ XX, 200-202.

Para a questão em estudo, este passo testemunha que Tiago mantinha um papel activo durante esse período que constituiu a primeira geração de cristãos. No NT a figura de Tiago é pouco desenvolvida, sobretudo durante a vida de Jesus, mas posteriormente aparecem algumas referências. De facto, com Paulo, Tiago já é considerado um dos pilares da igreja cristã (Gl 1,19; 2,9), embora não fosse um dos Doze originais (1 Cor 15,7). É também Tiago que Pedro e Paulo cumprimentam em primeiro lugar quando se dirigem de alguma forma à comunidade (Pedro em Act 12,17 e Paulo em Act 21,18). Talvez como forma de compensação, os textos apócrifos mais tardios dedicam-se morosamente à narrativa da conversão de Tiago, após a morte de Jesus e da sua aparição, e o percurso que o levou a presidir a comunidade cristã de Jerusalém (Tiago é considerado o primeiro bispo de Jerusalém).

Também o modo como a apresentação de Tiago é construída parece importante: primeiro é referido de quem é que ele é irmão (*the brother of Jesus who was called Christ*) e só depois é mencionado o seu nome; isto poderá indicar que Jesus era o melhor ponto de referência para o público poder facilmente localizar de quem se estava a falar (*who was called Christ*). A acusação que é apresentada contra Tiago (violação da Lei) é curiosa, se tivermos em conta que no NT Tiago é tido como sendo escrupuloso no cumprimento da mesma, entrando em desacordo com Paulo. Em Gl 2,12 Pedro reage perante a chegada de discípulos de Tiago:

Com efeito, antes de terem chegado certas pessoas do grupo de Tiago, ele [Pedro] comia com os não-judeus. Mas, quando chegaram essas pessoas, ele afastava-se e já não comia com eles, porque tinha medo dos partidários da circuncisão [ref. a Tiago].

No NT Tiago representa, pois, a fidelidade à lei mosaica.

Conclusão

A referência de Josefo a Jesus, apesar de ser a mais analisada e debatida é aquela que menos dados transmite ao investigador, uma vez que a autenticidade é duvidosa. Para além da comprovação histórica da sua existência – dúvida que hoje em dia já não se coloca – pouco mais informação dá. Josefo parece dedicar mais espaço às figuras de João e de Tiago, não necessariamente pelo valor dos mesmos, mas para servir os seus intentos: demonstrar a iniquidade dos dirigentes judaicos (Herodes Antipas e Ananus, respectivamente). As figuras são citadas marginalmente, o que em nada diminui o seu valor enquanto fonte histórica. É precisamente a ênfase que se encontra no *testimonium flavianum* que causa estranheza e que aponta para uma falsificação (total ou parcial, o que é mais provável) do texto original.

No caso de João, Josefo dedica-lhe talvez a maior porção de texto das três figuras analisadas e a opinião que revela sobre o pregador é francamente positiva – embora esse entusiasmo servisse os seus objectivos. Não lhe reconhece qualquer relação com Jesus ou com a comunidade cristã, o que parece indicar que originalmente essas figuras estariam separadas. Com Tiago estabelece a relação familiar (irmão de), mas não acrescenta mais informação. Apenas realça a honestidade de Tiago, o que contrasta fortemente (como era pretendido) com a arrogância do sumo-sacerdote Ananus.

Para o investigador, estas referências, ainda que breves e com as limitações já mencionadas, não deixam de ser um recurso precioso para o estudo do NT.

Bibliografia

Fontes

- Bíblia Sagrada. Em Português Corrente.* Tradução interconfessional do hebraico, do aramaico e do grego em português corrente. Lisboa, Difusora Bíblica, 1993.
- BOVON, F. et GEOLTRAIN, P. (ed.), *Écrits Apocryphes Chrétiens*. vol.I, [Paris], Gallimard, 1997.
- JOSEPHUS, F., *The Jewish Antiquities*. With an English translation by Ralph Marcus. Completed and edited by Allen Wikgren, London, Harvard University Press, [1998].
- _____, *The Jewish War*. With an English translation by H. St. Thackeray, London, Harvard University Press [1997].
- STERN, M. (ed.), *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*, Jerusalem, The Israel Academy of Sciences and Humanities, 1974.

Estudos

- BENKO, S., *Pagan Rome and the Early Christians*. Bloomington, Indiana University Press, 1986.
- BROWN, S., *The Origins of Christianity. A Historical Introduction to the New Testament*. New York/Oxford, Oxford University Press, 1993.
- CHILTON, B. e EVANS, C.A. (ed.), *James the Just & Christian Origins*, Leiden, Brill, 1999.
- FELDMAN, L. e HATA, G. (ed.), *Josephus, Judaism and Christianity*. Detroit, Wayne State University Press, 1987.
- HORSLEY, R.A. e HANSON, J.S., *Banditi, profeti e messia. Movimenti popolari al tempo di Gesù*, Brescia, Paideia Editrice, 1995.
- MASON, S., *Josephus and the New Testament*. Peabody/Massachusetts, Hendrickson Publishers, [1993].
- PAINTER, J., *Just James. The Brother of Jesus in History and Tradition*, [South Carolina], University of South Carolina Press, 1997.
- PINES, S. *An Arabic Version of the Testimonium Flavianum and its Implications*, Jerusalém, Israel Academy of Sciences and Humanities, 1971.
- WHEALEY, A., "The Testimonium Flavianum Controversy From Antiquity to the Present", comunicação apresentada em 2000 na , retirada de , site consultado em 25 de Março de 2004.
- WINTER P. "The Proto-source of Luke I". *New Testamentum*, vol.1, 3 (1956).